

RETRATOS



Francisco Castelo @ 2024

Francisco Castelo iniciou-se na Fotografia em 1978 e integrou os quadros da administração local em 1993. Com formação académica em História, Direito Administrativo e Gestão Autárquica, investiga imagens antigas e cria conteúdos para publicações e exposições foto-documentais, entre outros projectos que evidenciam o valor da fotografia enquanto fonte histórica e elemento do património cultural.

Realiza, desde o ano 2000, um workshop anual de Iniciação à Fotografia Digital. Entre 1984 e 2024 realizou 8 exposições fotográficas individuais e participou em 25 colectivas; em 2007 publicou o conto "Claustro Fobias"; em 2011 a colectânea "Histórias de Cá" com conteúdos de ficção e de crítica historiográfica local; em 2014 e 2015, duas edições foto-documentais "Gente de Outros Tempos"; em 2022 os livros "Crónicas da Peste" e "Poesia Acidental"; em 2023 o livro de foto-pinturas "Poemas de Luz" e os livros de ficção "Diário de um Asilado" e "Férias na Aldeia"; em 2024 este livro digital de ficção "Retratos" e a 4ª edição foto-documental "Gente de Outros Tempos".

Embora o seu trabalho incida principalmente sobre o universo da imagem, atribui mais importância à escrita porque considera a imagem demasiado subjectiva e propensa a frequente sobrevalorização artística. Ao invés, as exigências da escrita não se acomodam a ocorrências fortuitas ou erráticas nem a tão evidentes subjectividades.

Acredita que a fotografia não reproduz a realidade, apenas a representa e que toda a fotografia é uma mentira, podendo ser uma fascinante e sedutora mentira.

Neste livro digital apresenta 24 retratos em palavras, como se fosse um rolo fotográfico de 24 fotogramas.

Omnipresentes no quotidiano, as imagens visuais acabam por se insinuar, condicionando as imagens mentais que os textos sugerem, ultrapassando aquilo que seria uma simples função decorativa. São as vicissitudes da contemporaneidade a que estamos sujeitos.



Ficha Técnica

Título: Retratos
Autor: Francisco Castelo
Género: Ficção
Revisão de Texto: Patrícia Palma
Editor: Francisco Castelo
Local de Publicação: Lagos
Data de Publicação: Maio de 2024

O autor não respeita o AO90, que considera um retrocesso linguístico e um vil e criminoso ataque à cultura portuguesa.

Retrato 1

*Cabelo curto, careca arredondada
Testa média um pouco enrugada;
Sobrancelha rala, porém angulada
Olhos na cor castanha-esverdeada.*

*Redondo nariz e boca ondulada
Bigode antigo de ponta arrebitada
Mosca breve; face abochechada
Bojuda a pança, já bem dilatada.*

*Cintura à proporção e coxa roliça
Que quando ao espelho a vejo
Parece presunto ou farta chouriça.*

*Pujante a perna, torneada sem pejo
Eis o retrato, e farte-se a cobiça
De quem assim me vê, como me vejo.*

A luminosidade da superfície homogénea inferior confere-lhe a qualidade de espelho, como uma superfície etérea que desmaterializa o meio líquido inferior e mimetiza o nível superior, o céu. Questiono se a imagem reflectida é efectivamente uma reprodução, uma propriedade da imagem real ou se é outra coisa. Ou se como diz Lacan acerca da criança que se vê ao espelho: uma imagem que "é dela" e ao mesmo tempo que "é dela". É certo que a paisagem não é um ser com consciência e, portanto, não é sujeito nesta questão também é certo que o observador não é uma criança em estágio de descoberta e formação da consciência si própria; mas, o mundo das imagens reproduzidas por meios artificiais ou reflectidas em superfícies badas são, frequentemente, manifestações ilusórias da realidade. Tal como uma fotografia o é, na sua sibilidade de resolver a intencionalidade do momento e da perspectiva, na impossibilidade de discursivamente o curso do tempo, na incapacidade da reprodução exacta das cores e, no limite, na aberração na reprodução das formas, por via das alterações cromáticas. O que sobra, então? A palavra. A palavra orizada na narrativa, essa forma única de descrever o real e o imaginário. Sherazade, para não morrer narra histórias ao sultão que, assim, a poupava, confirmando que a narração é um dos modos de vivência dos seres humanos. E pelo menos desde Sherazade, narra-se para não se morrer, pois só a narração subsiste mesmo após o silêncio dos narradores. Já a imagem, na sua subjectividade discursiva e interativa não resolve essa eterna discussão entre concreto e fictício. Martim saltou para a barca e um dos homens firmou as mãos na laje do cais, empurrando-a, afastando a embarcação. A correnteza da maré tão fraca que nem ajudou a vencer a escassa milha* que separa o velho cais da foz da ribeira, encastrou nos areais, para lá da praia de S. Roque. Trabalharam os remos. Iam para Alvor por mor de reparar o mastro quebrado da barca. Não que não houvesse mãos capazes de o fazer no burgo mas por respeito pelo trato de assistência da marca. Assim ordenara Gil Eanes interpretando a proverbial avareza do seu senhor Infante D. Henrique. Para quê pagar tal serviço a artesãos do lugar se, a parca distância, tinha serviço gratuito?! O Barrocal (terra do barro e da cal?) é uma faixa que atravessa longitudinalmente a província, entre a serra e o litoral. Geologicamente é um espaço reconhecível pelas elevações calcárias nominadas barrocos (e, daí, 'barrocal?'). Aqui, as aldeias são salpicos brancos na paisagem ora verde castanha dos campos. No horizonte próximo perfilam-se os contra-ortes da serra algarvia, a Oeste a S do Espinhaço de Cão e a Serra de Monchique, a Este a Serra do Caldeirão. Na vegetação autóctone predominam amendoeiras, figueiras, azinheiras, alfarrobeiras e arbustos como o zambujeiro e a murta. Nas v. prevalecem as culturas de regadio, particularmente os pomares de laranjeiras. A singularidade da sua formação geológica, das suas espécies vegetais e faunísticas, que condicionam o psicossomatismo dos residentes, conferem a esta porção de território uma identidade própria. A aldeia que evoco não é um sítio creto desse barrocal alcarvio, mas podia sê-lo. Nesta aldeia existem dois lavradores abastados e mais

Retrato 2

Férias com o meu avô.

Nas férias de 2022 fomos para a Meia Praia, porque o meu avô não gosta de viajar e eu sou muito pequenino e ainda preciso que me mudem as fraldas, e o meu avô também não gosta de mudar fraldas.

Íamos logo de manhã, para evitar a força maior do Sol e os ‘caparicas’ e os ‘vacanças’, que eu não sei quem são, mas o meu avô não gosta muito deles. Pelo som das palavras acho que os primeiros devem ser umas capas para caricas de garrafas e os segundos umas vacas cansadas, mas não sei, ainda sou pequenino.

Eu gosto muito de motas mas tenho medo delas, do barulho que fazem, por isso o meu avô não me levou na mota dele, e sim no automóvel. Estacionámos no parque da Duna e o meu avô pagou 3€ de estacionamento, para o dia inteiro, era uma ajuda para a Cruz Vermelha, dizia. Mas o meu avô franzia aqueles bigodes pequeninos que tem por cima dos olhos e dizia que era como estar em Miami, onde se tinha de pagar estacionamento e,

até, ingresso na praia. Mas agradava-lhe, pois, dizia ele, parecia que estava de férias nos mares do Sul; e estava, porque a costa do Algarve é a costa Sul de Portugal embora eu não saiba dessas coisas de Geografia porque ainda sou pequenino.

Como o meu avô não gosta de ficar muito tempo na praia, não mais de uma hora, deixávamos o carro estacionado lá, no parque e à sombra, e vínhamos a casa almoçar, a pé. Quer dizer o meu avô é que vinha a pé, eu vinha montado numa espécie de albarda que ele carregava e vinha feliz e animado esporeando a propecta montada bípede. Ele fazia isto para usufruir do estacionamento pago para todo o dia. Dizia que passar férias num destino turístico exótico é caro e por isso temos de rentabilizar cada cêntimo.

À tarde, depois das 17 horas voltávamos à praia, perfazendo de novo a caminhada de 2Km, e regressávamos ao buraco enorme que o meu avô escavara de manhã no areal, chamando-lhe um castelo, onde eu devia reinar durante aquele dia de praia. Era também uma piscina, mas apenas durante os segundos que a água ali ficava até desaparecer, não sei se evaporada pelo calor, se sumida debaixo da areia, porque sou pequenino e não sei dessas coisas.

De vez em quando passava um homem com uma mala gritando “bolinhas!” e eu ficava à espera de ver saírem bolas de borracha de dentro daquela estranha mala, mas o que ele retirava era uma espécie de pãozinho pequeno. Numa dessas vezes o meu avô aproximou-se do homem levando um embrulho debaixo do braço e esteve à conversa com ele durante quase um minuto, depois regressou e perguntou-me, remexendo no embrulho: queres uma bolinha? Ora, claro que quero, eu adoro brincar com bolinhas. E logo retirou um bolo castanho de grande sorriso em boca aberta que deixava ver uma língua amarela e derretida.

Afinal aquilo comia-se, e era saboroso. Mas eu não vira o homem entregar aquilo ao meu avô?! Só mais tarde percebi que o meu avô não gostava de comprar caro o que podia comprar mais barato, e para



Francisco Castelo

evitar pagar 1,70€ por uma bola de Berlim, comprava-as no hipermercado por 75 cêntimos, cada; levava-as para a praia e fingia que as comprava ao homem que passava para cima e para baixo, carregado, esbaforido e esfalfado, anunciando e vendendo as tradicionais bolinhas de massa recheada com doce de ovos.

O meu avô divertia-se muito, e apreciava as meninas grandes que se aproximavam de mim e, por vezes, me pegavam ao colo. Eu também gostava daquele contacto físico, mas o meu avô vibrava com aquelas interações e avisava que eu às vezes era malandro e metia as mãos onde não devia, e exemplificava para as meninas grandes perceberem melhor. Elas não achavam graça, e iam-se embora rapidamente. E eu voltava à minha ocupação principal de atirar areia ao ar usando a pá amarela.

Por vezes também passava um automóvel muito bem pintado de cores garridas e com boias, cabos e outras coisas para tirar as pessoas que se deixavam dormir no mar. O meu avô dizia que aqueles senhores não queriam poluição no mar e por isso andavam sempre para cá e para lá a ver se havia gente a dissolver-se nas águas.

Também havia muitos meninos e meninas com tábuas de passar a ferro amarradas ao tornozelo, e subiam para cima delas para escorregar nas ondas, o que era uma coisa gira mas durava pouco tempo porque eles ainda não tinham equilíbrio, tal como eu que sou pequenino e também só dou quatro passos de cada vez.

Ao Domingo havia mais pessoas na praia, muitas com os telhadinhos de pano às cores muito juntinhos uns aos outros. Devia ser para se aquecerem, pois andavam quase nus, e sem fralda.

No último dia das férias o meu avô levou-me a almoçar num restaurante que havia ali na praia. Não tinha muitas paredes, mas tinha sombra, e água para beber. Ele pediu uma cadeira alta para eu me sentar e ficar ao nível da mesa, e o senhor do restaurante trouxe uma. O meu avô deu-me a ementa para eu escolher, mas como eu ainda não sei ler, porque sou pequenino, ele foi imitando o som dos seres que constavam nos vários menus; e se a cena foi engraçada com os porcos, galinhas e vacas, imaginem quando se lançou a imitar peixes, como o tamboril, a faneca, o salmão e o pargo. Foi uma coisa muito cómica que deixou toda a gente a rir desalmadamente. E eu também me ri muito, mesmo sem saber porquê, porque sou pequenino e não percebo estes disparates dos adultos.

O meu avô é muito engraçado, mas às vezes é inconveniente. Imaginem que tem andado mal da barriga por comer muita fruta e beber uma espécie de leite que diz ser de soja com chocolate; então peida-se muito, e ruidosamente. Para disfarçar, cada vez que soltava um daqueles ventos sonoros e fedentes, olhava para mim, muito sério, e dizia: MENINO, ENTÃO?!

E eu sorria, sem perceber que ele me responsabilizava pelo acidente, porque ainda sou pequenino e não sei nada destas maldades do mundo grande.

Eu gostei muito das férias com o meu avô.

PS: - Quem escreveu esta redacção foi o meu avô, porque eu sou pequenino e ainda não consigo escrever muito bem.



Retrato 3

Nas férias de praia de 2023 o meu avô deixou-me levar o carro de ladeira ou melhor, ele é que o levou, entre resmungos e palavras estranhas que ia soltando devido ao enorme peso do carro que tinha de carregar às costas, e que eu logo ia repetindo para grande escândalo das senhoras que encontrávamos no caminho. - Esta porcaria é feita de quê, pau-ferro? O que ele não sabia, mas iria descobrir em breve, é que o carrito tinha um motor eléctrico e uma bateria bem escondidos no madeirame, uma brilhante invenção do meu pai, e por isso pesava tanto.

-Mas avô, para este carro não precisas pagar estacionamento. Dizia eu para lhe acalmar a irritação e o arrependimento de ter anuído levar o bólido com que ia subir e descer as dunas e percorrer velozmente os passadiços, exactamente como o meu herói Faísca McQueen.

Chegados ao local, foi com grande alívio que deixou deslizar o carro para o chão, quase esmagando a Mel que saltitava entusiasmada em volta daquele estranho objecto com interessantes rodela que giravam e desafiavam a mordiscar.

Aliviado, disse-me: - Olha lá, como isto é pesado, podemos atrelar a Mel e ela puxa-te pelos passadiços, senão não consegues andar; pode ser?!

Respondi que não era preciso e instalei-me dentro do carrinho que foi progredindo devagarinho, para enorme satisfação do meu avô que já pensava ter de o empurrar. -Avô senta-te aqui atrás, há espaço suficiente para os dois. Com um daqueles suspiros que rematam a paciência ilimitada que os avôs carregam para atender os pedidos invulgares dos netos, sentou-se atrás de mim e eu não perdi tempo, liguei o botãozinho do potente motor e eis que desalvorámos rapidamente rumo ao final do passadiço.

Apanhado de surpresa, ele gritou: -Ai, que bruxedo é este? Enquanto tentava levantar-se, mas eu disse-lhe que não havia problema e rapidamente passámos o final do passadiço, galgando as escadas e aterrando numa duna. Daí, seguimos sempre pela cumeeira das dunas, terreno estável para a progressão da viatura. Ao nosso lado saltitava a Mel, contente com tal correria.

- Avô vamos ao berbigão no rio de Alvor?!

O avô, percebendo pelo zumbido eléctrico que afinal se tratava de um carrinho motorizado, respondeu: - Vamos é às ostras, pode ser que tenham pérolas.

Os avós são mestres da poesia.



Retrato 4

Este ano, como já sou grande - tenho três anos e meio - fui acampar com o meu avô. Fomos para o campo porque se fosse na praia seria apraiar e não acampar, mas isso são idiosincrasias da língua, que não percebo, porque ainda sou pequenino.

O meu avô parou o automóvel ali para um dos lados da Barragem da Bravura, que nessa altura era apenas uma poça de água onde eu logo aproveitei para chapinhar com as minhas galochas amarelas.

Com o avô já preparado, embrenhámo-nos no mato de estevas fingindo tratar-se de uma floresta de árvores enormes. Enquanto caminhávamos o meu avô ia identificando as plantas e os animais que encontrávamos, como o besouro-touro, o abelhão zumzum, a formiga rabiga, a erva da comichão e a planta da resina, o arbusto do susto e o carrasco real.

Lá em cima voava uma ave que o meu avô disse chamar-se águia-drone. O meu avô sabe muito destas coisas. É uma autêntica *ciclopédia gorda*.

Cansados, decidimos fazer um piquenique à beira de um riacho sereno. Quer dizer, não era bem um riacho mas sim uma vala de rega que transportava pouco líquido, a bem dizer a água até estava parada, para regozijo de umas formigas que andavam ali pela beira da superfície, talvez lavando roupa pois são uns insectos muito esforçados.

Já caía a noite quando acendemos uma fogueira para assar castanhas, porque o meu avô disse que essa moda de assar *marshmallows* era uma americanice sem jeito nenhum; assar bocados de açúcar emborrachado, uma parvoíce.

Enquanto o céu se enchia de estrelas brilhantes como eu nunca vira na cidade, o avô ia contando histórias e aventuras que ele viveu quando era jovem. Como uma vez em que andou a lavar a cara nas poças de água da avenida, depois de uma inesperada chuvada de Verão, embriagado pelas girafas que bebera na cervejaria Laredo.

Eu esbugalhava o solhos e quase derretia o cérebro tentando imaginar o meu avô a engolir animais assim tão grandes, as girafas.

O calor da fogueira e o som da natureza em volta criavam um ambiente aconchegante mas ao mesmo tempo assustador porque o meu avô interrompia as histórias, apontava um dedo para o escuro e perguntava-me a meia voz: - Ouves? Tás a ouvir aquilo? É um *gambózio* dos grandes. E quando eu olhava em redor, angustiado, ele rematava logo: - os *gambózios* não fazem mal, só gostam que lhes façamos cócegas e fartam-se de rir. Eles são os avós dos gambozinos, que irás conhecer daqui a uns anos.

Ainda admirado com tantas estrelas cintilantes naquele céu, inquiri o meu avô sobre as constelações e ele indicou-me a constelação de Órion e contou-me a história do caçador.

O gigante Órion era um grande caçador, muito corajoso e desembaraçado, mas também era um bocado totó e gostava de se gabar das suas proezas, vangloriando-se de ser o maior dos caçadores, não existindo nenhum animal capaz de lhe escapar. Tomando conhecimento disto a senhora deusa Artemis ficou furiosa pois, apesar de ser deusa da caça também era a protetora dos animais, tipo a inspectora do ambiente. Assim, enviou um escorpião para desafiar o caçador e, no duelo, Órion foi picado pelo escorpião e morreu. Tá claro que o escorpião era um drone equipado com droga venenosa. Para que os homens se lembrassem sempre do caçador que foi morto por um escorpião em consequência da sua arrogância, Zeus, o presidente dos deuses, transportou os dois para o céu de modo que a cena da perseguição se eternizasse lá no alto, sobre as nossas cabeças, para nunca esquecermos esse defeito da fanfarronice.

Adormeci a olhar para o caçador colado ao céu.

No dia seguinte partimos em exploração por um trilho sinuoso e, às tantas, distraídos, separámo-nos, eu porque perseguia uma borboleta azul escura, quase negra, e ele porque deparou com uma caminhante esbelta e sorridente, qual ninfa da barragem; e seguiu-a. Quando nos apercebemos, estávamos perdidos um do outro. E por mais que chamássemos, o som perdia-se naquela paisagem que só era frondosa na nossa imaginação, não passando, na realidade, de um habitat semi-desértico, sem arvoredos ou outros obstáculos que reflectissem os nossos brados.

O tempo passava lentamente, e a preocupação aumentava a cada momento. O avô já temia o pior quando um estranho animal apareceu diante dele. Era uma lebre enorme, um roedor de orelhas longas e com um olhar inteligente; assim como o Pernalonga dos desenhos animados. O animal pareceu compre-

ender a situação e começou a correr adiante, olhando para trás de vez em quando, convidando o meu avô a segui-la. A princípio seguiu-a com hesitação, mas depois com alguma esperança, lembrando-se dos filmes da cadela Lassie, do canguru Skippy e de outros animais que ajudavam os humanos quando estes se encontravam em sarilhos.

A lebre liderava por caminhos que ele nunca teria pensado tomar, por entre árvores secas e pedregulhos rachados pela soalheira, ou pelos glaciares de eras geológicas, ou outro fenómeno qualquer da Natureza; não sei qual porque ainda sou muito jovem para saber dessas coisas.

A certa altura o meu avô ouviu uma conversa meio tonta de menino que questiona uma borboleta endiabrada que não pára quieta. E o coração dele encheu-se de alívio quando percebeu que a lebre o conduziu exactamente ao local onde eu me encontrava. Seguiu-se um momento de abraços apertados e de lágrimas de alegria, agradecidos ao estranho animal que nos trouxe de volta um ao outro. A lebre observou-nos por um instante, talvez achando-nos patéticos, talvez satisfeita por ter cumprido a sua missão.

Novamente juntos, retomámos o passeio de aventura com um novo sentimento de união, sabendo que mesmo nos momentos mais difíceis haverá sempre uma forma, ou uma lebre, para nos reencontrarmos.

Acabámos o dia felizes, em torno de uma fogueira, degustando uma excelente lebre na brasa e o delicioso salame de chocolate feito pela minha avó. Distó, o meu avô não comeu porque é diabetinho.

Ai está outra coisa que nunca percebi, isso de ele ser um diabo betinho (?).

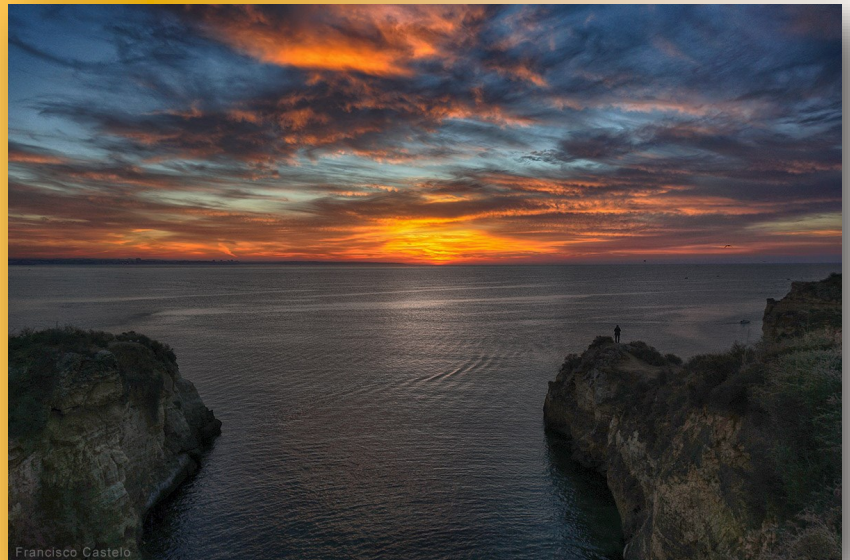
São assim, as minhas férias.

Simão.



Retrato 5

É o Sol a nascer sobre uma linha perfeita de rocha, abençoando-a com seus raios quentes. Onde se ilumina a terra argilosa e calcária das arribas o Sol mostra as muitas tonalidades da Costa D'Oiro: amarelos; laranjas; vermelhos; castanhos, e os lugares que aguardam os raios mais tarde, ao longo do dia, revelarão outras tonalidades impressionantes que nos transportam para sonhos acordados.



Retrato 6

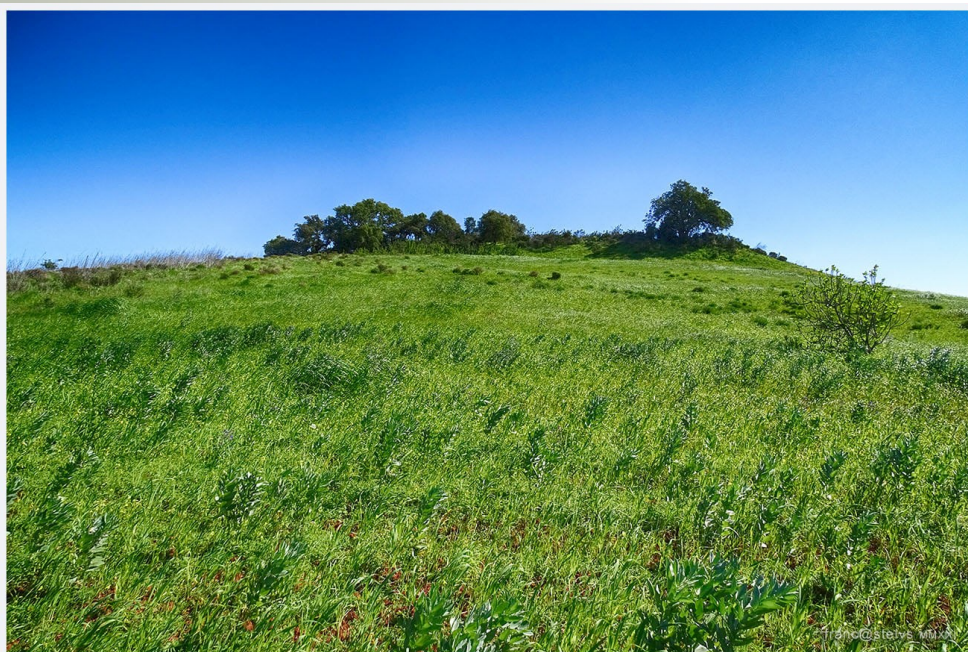
O velho celeiro de alvenaria, de cor incerta, emergia na colina entre as ervas altas e as flores do prado, como se um dia tivesse eclodido de uma semente industrial. Embora revelasse as paredes envelhecidas, a luz que o recortava do fundo cinzento do céu e a que fluía do telhado iluminavam a poeira, que a aragem agitava, como confetes festivos.

À direita, um rochedo enorme sobe do chão, como querendo furar as nuvens. Num lado as casas da quinta e no outro lado uma estrada serpenteante e negral, sumindo-se em curvas apertadas rumo à serra.

Na pocilga, um porco transmitia a outro, em segredo, a forma de construir bombas artesanais. Preparavam uma revolução.

Retrato 7

A terra sequiosa e poeirenta cantava para a nuvem, dramaticamente iluminada pelo sol, na expectativa ansiosa que esta libertasse a água que transportava. Envoltas numa atmosfera eléctrica e escura, as nuvens prometem trazer às ruas negras um brilho mais profundo. Numa varanda, duas silhuetas curvadas pelo peso da idade, sentadas à luz de uma primavera madura deixavam a paisagem urbana transformar-se numa obra de arte. A cidade e a tempestade fundidas numa só entidade prestes a manifestar-se.



Retrato 8

Agora o que vejo é uma terra agrícola, bonita, com buracos, toupeiras, coelhos, minhocas e pedras - todos eles escondidos na erva crescida do prado. E também há flores, muitas e selvagens. As abelhas vêm para os nossos prados e zumbem em torno do coro de flores silvestres. Aproxima-se um cão, grande, malhado de amarelo, branco e castanho; senta-se a uns metros de mim, olhando-me fixamente, com a língua de fora e arfando pesadamente, aguarda que o fotografe, mas eu não trouxe máquina.

Retrato 9

Quem chora quando sente frio deve compreender as nuvens, porque elas fazem o mesmo.

Chove miudinho sobre a cidade, ou seja, as moléculas de água suspensas nas nuvens, bruscamente arrefecidas, perdem energia e condensam-se em gotículas. Chove, agora, em gotas gradas que regam a terra e alimentam as árvores e as plantas que nos sustentam.

A chuva aumenta de intensidade e pelas valetas das ruas correm regueiros rumo ao rio e ao mar. E pergunto-me se alguma vez repararia na água se tivesse nascido no oceano, com barbatanas e guelras.



Retrato 10

A Ceifeira visitou-me e propôs fornecer algo que eu muito desejava a troco de me levar para o Além. Disse que me permitia despedir-me dos entes queridos e dos amigos. Perguntei se o podia fazer presencialmente, respondeu-me que sim.

Mostrei-lhe a minha lista de amigos do Facebook e disse-lhe que despedir-me de mil pessoas podia levar algum tempo. Olhou-me gravemente, com aqueles olhos inteiramente vazios, e propôs-me que publicasse um aviso com local e data para proceder às despedidas, e que eu só iria procurar, posteriormente, aqueles que faltassem a esta chamada. Anui e agendei tudo para daí a uma semana, publicando o aviso onde se podia ler «A morte vai levar-me, mas permite que me despeça pessoalmente de todos os meus amigos. Vem despedir-te de mim no dia 29 de Fevereiro de 2024. Se faltares terei de te procurar depois».

Dada por satisfeita, a sinistra figura já se afastava quando suspendeu a marcha e permaneceu imóvel por uns segundos, depois virou-se abruptamente e fixou-me apreensiva. Eu permaneci imóvel. Será que tinha descoberto a minha artimanha? Vagarosamente, acabou por retomar o caminho, provavelmente para anunciar a partida de mais almas destemperadas.

Na data apazada compareceram uma trintena de ‘amigos’ a quem dispensei logo um expressivo: - Ena, com amigos como vocês, quem precisa de inimigos?! Mas a culpa era inteiramente minha, que os elegera e qualificara como tal. Se deseja exclusivamente amigos inteligentes devia tê-los cultivado devidamente. Imaginara, eu, que anunciando as premissas do acordo os meus amigos optassem por faltar ao encontro, contribuindo para um repetido e considerável adiamento da minha última viagem.

Ainda assim o rácio de presenças não era mau. Teria de publicar a tal convocatória mais vezes, para outras datas atempadamente apazadas, e isso significava ganhar tempo, bastante tempo.

Dei disso conhecimento à mefistofélica figura que obviamente se apresentara na agendada despedida. Mas eu não previra que o pérfido e fedorento negrume dominasse as tecnologias informáticas e conhecesse algoritmos que permitiam colocar nas caixas de mensagens dos computadores e telemóveis de todos os meus contactos a minha convocatória para a derradeira festa.

Em menos de dez dias o assunto estava arrumado e um enorme folguedo preparado, com pantagruélicas comezainas, bebida à discrição e um gigantesco mastro de folhagem natural salpicada com bandeiras coloridas e balões de papel, parecendo festa dos santos populares. No ar, o cheiro dos frangos no churrasco e das febras na brasa misturava-se com o odor adocicado que se desprendia dos braços de jasmim e alfazema, espalhados pelo recinto.

Os convivas comiam alarvemente, conversavam animados, dançavam ao som de concertinas tocadas por macacos empoleirados em árvores africanas, que nunca vira aqui na terra, e rodopiavam e saltavam como loucos. Só à minha aproximação paravam, e olhavam-me com meio sorriso no rosto caminhando para aquela expressão de tristeza evidenciando o habitual pesar fúnebre e também a culpa pela folia a que se entregavam em momento de fenecimento meu.



E eu percorria o recinto cumprimentando rostos mais ou menos familiares, caminhando sem sentir os pés tocarem no chão. Flutuava por ali, já meio desencarnado do corpo material, tornando-me numa matéria etérea, translúcida e ectoplásmica. Afastava-me, desvanecendo, naquele cenário, deixando gradualmente de ver e de sentir os odores e a música simiesca... e esvaindo-se o sonho adormeci, profundamente.

Mas voltei a sonhar.

A velha vestida de negro, agachada como se estivesse sentada num banco muito baixo, de cabeça descaída ocultando o rosto, imóvel como um boneco inerte, quando esticava uma perna imediatamente se operava nela uma estranha transformação fendendo-se-lhe os pés em cascos, o pelo curto e farto rapidamente crescendo por todo o corpo e as feições metamorfoseadas numa espécie de cabra que, soltando um balido, se esfumava no ar, desaparecendo misteriosamente e deixando as eventuais testemunhas estupefactas e amedrontadas.

Uns diziam tratar-se de um diabo, outros que era uma aparição do outro mundo ou uma mulher pecadora penando eternamente. E nada mais se sabia sobre aquela aparição que começava o serão como uma humilde e tradicional mulher serrana, habitualmente ocupando-se das mesmas tarefas das outras mulheres que não a conheciam, mas que lhe encontravam traços familiares remirando-a e procurando na memória o nome daquela aldeã que lhes era, simultaneamente, familiar e desconhecida.

Era nesse hiato de tempo, entre as tarefas campesinas da desfolha do milho ou noutra ocupação semelhante, pontuada de cantigas tradicionais, que lhe ouviam a voz, ou julgavam ouvir, misturada no coro das outras vozes femininas da aldeia. E depois desaparecia, com grande assombro e incómodo daquele mulhierio que depressa procurava o recato e a segurança do lar, na companhia do marido e dos filhos, cerrada a porta e segura pelas trancas, não fosse o mafarrico tecê-las, já que parecia andar por ali.

Ermelinda de Castro era uma das aldeãs que já por duas vezes tinha testemunhado a presença daquela mulher embruxada de que ninguém conseguia descrever, com rigor, as feições, tampouco identificar a sua proveniência ou para onde se escafedia na escuridão da noite; e por isso escreveu uma oração de protecção que prendeu na verga da porta do armazém comunitário:

*"Vade retro, Satanás! T'arrenego, Belzebu!
Ai Jesus, Cruzes Canhoto! Lagarto, Lagarto, Lagarto!
Que tenhas tão grande doença nesse cu
Que só a cures com osso de lesma e leite de urubu
Foge de mim Lucifer, que te esmago se eu quiser
Com pilão ou com colher, para depois te comer
Vade retro Satanás, que te meto no cabaz
Onde esmagado serás, pelas pinças da tenaz
Vai à vida Belzebu, mete os cornos no baú
Que te enrolo em pano-cru, e te como com peru.
Glu glu glu glu glu glu glu".*

E a velha de negro nunca mais apareceu.



Retrato 11

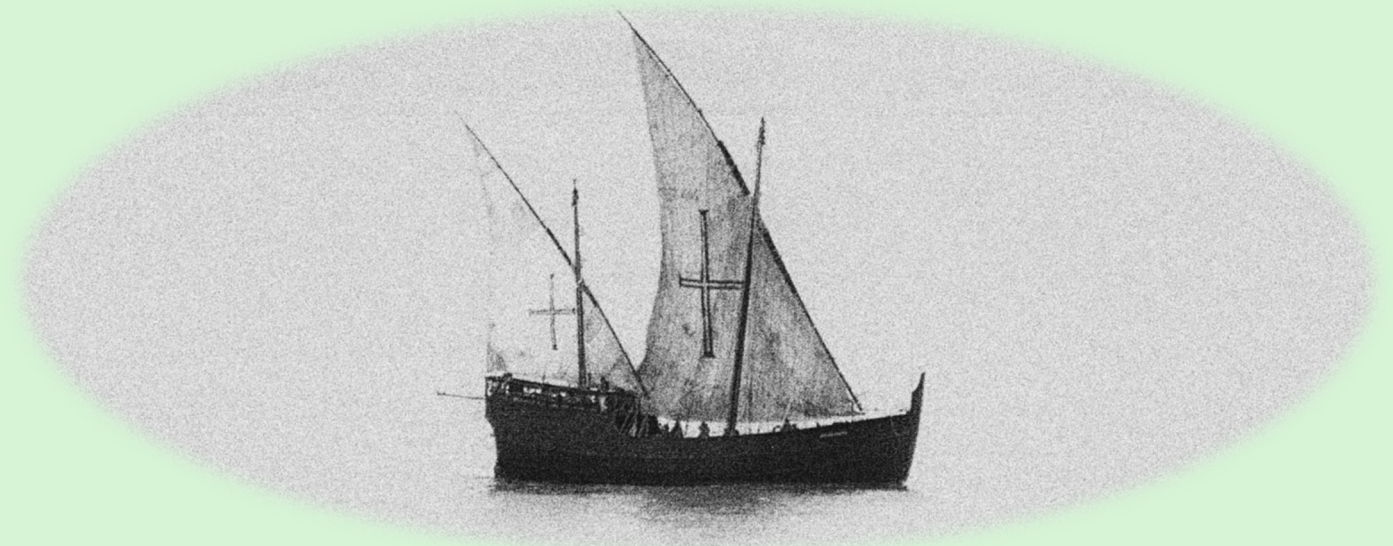
«Lembro-me como se fosse hoje, ou ontem... ou talvez anteontem. Na verdade, se não fosse o cocktail de Prozac/Fosgluten, nem me lembraria de nada.

Sei que era Agosto e estava calor. No Verão, o mar era uma festa diária. Nós, os putos da Aldeia, ali perto do Hotel de Lagos, saíamos de casa e ganhávamos asas nos pés voando rumo à Solaria. Corríamos pela avenida que ladeava o rio e, mal avistávamos o Forte Ponta da Bandeira, já adivinhávamos a praia e o mar imenso que irrompia pelos olhos e nos envolvia com o seu persistente azul salgado. No horizonte moviam-se as velas dos grandes navios de linha em batalha ruidosa e destrutiva.

Fugiam na frente os franceses que tentavam esgueirar-se do Mediterrâneo para o Atlântico para engrossar a armada do almirante De Conflans, que iria invadir a Grã-Bretanha, desembarcando na Escócia. De Toulon vieram 15 navios em esquadra chefiada pelo almirante De La Clue, rapidamente detectada pelos ingleses baseados em Gibraltar, que lhes deram perseguição com a esquadra comandada pelo almirante Boscawen. E ali, diante dos nossos olhos, bombardeavam-se uns aos outros, demolindo madeirames, rasgando poleames, estilhaçando corpos, destruindo tudo numa carnificina sangrenta e barulhenta em que os gritos dos decepados se ouviam à distância. O mar tingia-se de manchas rubras e os ares de novelos de fumo pardacento dos canhões.

Não assistiram a este espetáculo cruel os tripulantes da corveta Mondego, designada para a missão arbitral de país neutral que éramos, por se recusarem a sair do porto, dizendo que o navio não apresentava a mastreação em conformidade. Governava Portugal, nesse ano de 1759, o Conde de Oeiras que se irritou e mandou dar um porradão aos marinheiros desobedientes; e o almirante deu-lhes. Estiveram um ror de anos sem comer bacalhau.

Mas eis que, em certo momento da batalha, um dos marinheiros ingleses, de origem lusitana, John Loo, encontra o seu irmão gémeo. Haviam-se perdido e separado em crianças numa festa do Avante, quando ainda se realizava em Monsanto. Um deles foi levado por uma horda de *hooligans* do Manchester United, que veio a Lisboa ganhar por 5 a 1 ao glorioso; o outro introduziu-se numa autocaravana de breões do PCF, convidados pelo PCP, e foi parar à Normandia. Nunca mais se viram.



O reencontro, acidental, neste cenário de guerra, ocorreu quando o engajado na *Royal Navy* assessorou uma pazada na cabeça do irmão franciú, Mr. De L'O, aspirante a náufrago, com o remo da chalupa que conduzia o grupo de ingleses a bordo do navio almirante francês Océan para lhe atarem o fogo que o consumiria completamente. O gémeo inglês, reconhecendo o seu duplo que emergia do mar, saltou para as águas da Salema e amparou a cópia de si próprio numa salvífica natação para terra.

Ainda perplexos com o inesperado encontro, acolheram-se no forte de Almádena evocando a nacionalidade portuguesa e recusando regressar aos anteriores misteres bélicos. Recuperaram das impactantes emoções bebendo copos de abafadinho com um primo que encontraram servindo na guarnição da fortificação.

Quis o destino que esta história não terminasse serenamente e, entre copos, alegrias e cantorias, um deles, acidentalmente, fez chegar lume à mecha de uma das peças que recentemente havia sido ali colocada para rearmar a fortificação recuperada do malfadado sismo de 1755. A peça fez fogo sobre o Namur, navio almirante da frota inglesa, acertando-lhe no paiol e provocando uma sucessão de explosões naquele vaso de guerra e nos restantes de ambas as esquadras, por efeito dominó das múltiplas peças de artilharia, disparando sob acção da intensa e dispersa metralha incandescente, qual dilúvio de fogo que se despenhava sobre o mar e os barcos.

A devastação foi terrível, despedaçando todas as embarcações num raio de uma milha, fazendo desaparecer as duas armadas beligerantes e a cabeça do Zé Rodrigues atingido por uma bala de ferro na altura em que retirava pão do forno na aldeia da Pedralva. O forno ainda hoje exhibe a marca do ferrote que o atingiu mortalmente.

Da terrível batalha naval sobraram uma vintena de lusitos, usados pelos franceses como dóris na pesca de alto mar, quando escasseavam os víveres. Foi nesses barquinhos minúsculos da Mocidade Portuguesa que os sobreviventes chegaram a Lagos, remando com bocados de madeira queimada retirada dos navios destruídos, porque o vento amainara e reinava uma calma doentia sobre aquele mar de senhoras.

Mais para Sul, o francês Modeste encalhou nos cabos da criação de ostras fundeadas perto de Sargres, destinadas à exportação para a terra dos francos, e estes aproveitaram imediatamente para fazer uma tainada na praia da Ingrina. Numa enorme chapa retirada do navio, abriram meia tonelada de ostras à Bulhão Pato. Os ingleses chegaram depois para os aprisionar, mas não comeram nada porque os franceses apenas lhes deixaram as conchas vazias.

Na Praia do Barranco, alguns ingleses fumavam uns canhões de *cannabis* (comprada em Ceuta), após capturarem o Témeraire na Figueira e garantirem a inoperacionalidade do Redoubtable encalhado e bombardeado no Zavial. Bebiam brandymel porque a incursão às aldeias mais próximas não foi proveitosa, por os locais não perceberem que *béronlicuor* significava Licor Beirão, o néctar que os *sailors* de Sua majestade procuravam em terras lusas, desprezando o famoso *port wine*, bebida de lords e *squires*.»

Um horrível estrondo veio interromper o criativo devaneio literário da tarde. Foi a queda da estante mais afastada da sala, que se despenhou ruidosamente sobre o sobrado de madeira, estilhaçando os poucos vidros que sobravam nas portinhas. E os pedaços de mogno enegrecido pelas décadas de desterro e esquecimento no velho edifício separaram-se pelas junções ressequidas e misturaram-se com pedaços das tábuas do chão que colapsou sob o impacto do móvel.

Terá sido o chão, degradado, que cedeu, um inusitado movimento telúrico que fez oscilar o edifício, ou algum fantasma traquinas que empurrou o móvel, cansado daquela reiterada presença humana em matinés de leituras poeirentas e escritas balofas? Não se sabe, e talvez nunca se venha a saber.

Do acidente, estrondoso no interior, mas completamente ignorado no exterior, resultou o susto enorme e a chegada de um livro grande, de capa escura e lombada desancada, que veio, aos trambolhões, estatelar-se perto de si.

Era um livro com símbolos enigmáticos na capa e, ao abri-lo, foi rapidamente envolvido por uma luminosidade brilhante e um inexplicável zumbido.

A partir daquele momento e de cada vez que folheava as páginas do livro, ele era transportado para diferentes períodos da história, vendo sucederem-se as mudanças na praça que observava através de uma janela da biblioteca. Fascinado, decidiu usar esta inesperada faculdade para aprender sobre o passado. Assim, começou a explorar a cidade em épocas distantes, testemunhando as batalhas medievais travadas nas colinas circundantes, observando as mudanças sociais durante as épocas dos Descobrimentos e da Expansão, e viu como a cidade evoluiu ao longo dos séculos. Conheceu algumas figuras notáveis, dois reis e muitas pessoas que tiveram um papel importante na história do Algarve e do país.

Mas, apesar de todas as maravilhas que foi testemunhando ao longo do tempo, também enfrentou alguns desafios emocionais. Viu pessoas de quem gostava verdadeiramente envelhecerem e partirem para o além, enquanto ele permanecia intocável pelo passar do tempo. A incapacidade de se deslocar fisicamente no espaço também o deixava impotente em certas situações, especialmente, quando presenciava tragédias que poderiam ter sido evitadas se ele pudesse interferir.

Com o decorrer dos dias, tornou-se numa espécie de guardião da memória da cidade, mantendo os

segredos de cada uma das visitas ao passado e evitando misturá-los e com isso alterar o curso da história. Dedicou-se, quanto pode, a preservar as tradições culturais da região e a transmitir esses saberes às gerações seguintes. Ganhou estatuto de lenda e as pessoas comentavam, intrigadas, por parecer saber tanto sobre o passado, sobretudo, admirando os conselhos ajuizados e assertivos que produzia. Alguns acreditavam que estavam perante um vidente. No entanto, a sua atitude inspirava as pessoas a valorizar a história e as raízes culturais e a perceber que o tempo é um tesouro precioso que deve ser apreciado e preservado.

Por mais que tentasse compreender a estranha capacidade que agora possuía, não conseguia obter uma explicação cabal. Seria algo relacionado com o famoso "salto quântico", frequentemente usado em contextos não científicos para descrever uma mudança significativa e abrupta em algo? Mas isso era coisa da ficção. Na Física, o salto quântico refere-se à mudança de um electrão de um nível de energia para outro e tudo isto ocorre dentro do átomo. Quando um electrão absorve energia suficiente, ele pode "saltar" de um nível de energia mais baixo para um nível de energia mais alto. Da mesma forma, quando o electrão perde energia, ele pode "saltar" de um nível de energia mais alto para um nível de energia mais baixo, emitindo essa energia na forma de luz. É isso o 'salto quântico', um fenómeno fundamental na física quântica, associado às propriedades ondulatórias das partículas subatómicas, sendo essencial para compreender o comportamento dos átomos e das moléculas. Esta não parecia ser a explicação adequada para a estranha faculdade de viajar no tempo.

Será que o misterioso livro funcionava como uma chave que activava uma espécie de portal que o levava em viagem através de um buraco no espaço-tempo? Mas os buracos, negro ou branco, funcionam apenas num sentido. Estaria a usar ambos? E seria tal coisa possível?

Do 'buraco negro' que tudo absorve já muito se escreveu, por pouco que se saiba concretamente. Quanto ao 'buraco branco', esse tem sido apresentado como uma hipotética região do espaço-tempo que não permite que nada entre, apenas permite que a matéria e a energia saiam. Enquanto os buracos negros são conhecidos por terem uma atração gravitacional tão forte que nada, nem mesmo a luz, pode escapar deles, os buracos brancos seriam o oposto, rejeitando qualquer coisa que tente entrar. Os buracos brancos têm sido usados em teorias para explorar a possibilidade de conexões entre buracos negros e buracos brancos, como se fossem duas extremidades de um túnel no espaço-tempo, conhecido como "buraco de minhoca". Porém, esses buracos brancos existem apenas como especulações teóricas, sem que tenham sido observados ou comprovados pela Ciência. Na verdade, não passam de uma consequência das equações da relatividade geral de Einstein, evocada nalguns cenários especulativos da física teórica e que têm alimentado a imaginação e a inspiração dos autores de ficção científica ao longo dos anos.

Sem encontrar explicação para o fenómeno, restava-lhe continuar as suas viagens. Talvez nalguma delas encontrasse a resposta para tão inquietante questão.

Certa vez, ao folhear as páginas do enigmático livro, foi levado para uma época em que a cidade estava envolvida em conflitos e instabilidades sociais e testemunhou um crime terrível, que lhe deixou uma marca indelével na memória.

Nesse período, o Algarve enfrentava um ambiente de turbulência política, com disputas de poder entre diferentes grupos e facções. Numa noite fria, enquanto percorria uma viela estreita da cidade, espreitando discretamente por entre as sombras, observou uma movimentação suspeita num beco. De repente, um grupo de indivíduos mascarados atacaram um homem indefeso com uma violência chocante. Ele ficou paralisado de horror, incapaz de intervir ou chamar ajuda, uma vez que a sua faculdade de viajar no tempo não lhe permitia envolver-se directamente nos acontecimentos.

Ao regressar ao seu tempo, trazia consigo aquele aperto no coração. Sabia que, apesar da impotência para mudar o que tinha visto, precisava fazer algo para garantir que aquele crime não fosse em vão. Mesmo sem poder identificar os responsáveis pelo hediondo acto, decidiu agir para gerar consciência sobre a violência na sociedade e sobre a importância da justiça como ferramenta impres-



cindível ao progresso civilizacional.

Então, começou a partilhar a sua história com pessoas de confiança, numa tentativa de alertar a comunidade sobre os perigos da intolerância, do ódio e da violência. Embora não pudesse impedir os crimes em si, tornou-se num defensor incansável dos valores da paz, da fraternidade e da justiça. A história espalhou-se para além dos limites da cidade e muitas pessoas passaram a valorizar ainda mais aqueles ensinamentos e as lições que aquele homem ia buscar ao passado.

A lenda do homem que viajava no tempo ficou ainda mais profunda e inspiradora, não apenas por apresentar um indivíduo como testemunha directa e silenciosa da história, mas sobretudo como alguém que tentava fazer a diferença no presente, apesar das limitações. O compromisso em construir um futuro melhor para a sua cidade e para as gerações futuras tornou-se um exemplo de como as acções individuais podem influenciar positivamente o mundo à nossa volta.

Um dia, durante uma visita a uma era incrivelmente distante, ele teve um encontro surpreendente com seres gigantes que habitaram a Terra antes mesmo da existência dos humanos. Eram seres muito antigos, cuja inteligência e conhecimento transcendiam tudo o que ele já tinha encontrado nas suas viagens. Curioso e maravilhado, aproximou-se deles com respeito e humildade, sentindo-se pequeno diante da grandiosidade daqueles seres. Os gigantes receberam-no de braços abertos, percebendo a pureza do seu espírito e sua sede de conhecimento. Com uma linguagem que transcendeu palavras, eles começaram a partilhar segredos sobre o Universo, revelando-lhe uma compreensão profunda sobre as conexões entre todos os seres e a interdependência de toda a vida no cosmos. Ensinaram-lhe que o conhecimento verdadeiro não está apenas na exploração do mundo externo e material, mas também na busca interior pela ligação com o universo que habita dentro de cada um. Mostraram-lhe que a verdadeira aventura é a jornada do autoconhecimento, na descoberta do propósito da existência e da vida.

À medida que os titantropos revelavam os seus conhecimentos matemáticos e físicos, ele ficou verdadeiramente estupefacto pois esses conhecimentos transcendiam os limites da compreensão humana e revelavam segredos profundos sobre as leis que governam o Universo. Eram conceitos matemáticos avançados, que iam muito além do que ele havia aprendido na sua época. Eram equações e fórmulas complexas, que descreviam a essência da realidade em todas as suas dimensões e explicavam como as forças da natureza estavam intrinsecamente ligadas e como a geometria sagrada permeava tudo o que existe. Em relação à física, revelaram princípios que desafiavam a lógica comum. Falaram sobre viagens através de dobras no espaço-tempo, de mundos paralelos e de dimensões desconhecidas. Explicaram a natureza da energia cósmica e como ela fluía através de todas as coisas vivas.

Depois de regressar desta estonteante visita aos seres gigantes, ele passou a explorar ainda mais os conceitos matemáticos e físicos e também encontrou formas de aplicar esses conhecimentos nas suas viagens, entendendo melhor a dinâmica do *continuum* temporal e as forças que governavam as suas projecções imaginárias.

No entanto, e à medida que o tempo passava, o seu coração ia-se enchendo de uma profunda tristeza, pois tinha um grande sonho que não podia concretizar. Apaixonado pela história marítima do país, pelas histórias dos navegadores corajosos que se aventuraram pelo desconhecido em busca de novas terras e riquezas, sonhava sentir também a brisa do oceano acariciando o rosto, ouvir o ritmo cadenciado das ondas batendo no casco do navio, contemplar as vastidões azuis do mar e as ilhas, paradisíacas ou misteriosas, que se aproximavam lentamente vindo dos horizontes distantes.

A incapacidade de se mover no espaço tornava esse sonho aparentemente impossível de realizar. Mas, mesmo com esse desgosto sempre presente, não desistiu. Começou a passar mais tempo na velha biblioteca, devorando livros sobre as grandes expedições marítimas, estudando os detalhes dos navios, as suas rotas e a história dos destemidos navegadores.

Um dia, em que observava os homens que se afadigavam no trabalho de limpeza do casco de uma caravela querenada na vazante da ria, testemunhou, estupefacto, uma jovem esbelta que saía das águas. Admirou-se, porque não a tinha visto chegar e meter-se à água, e porque não seria comum, nem tolerável para a época, que uma jovem se banhasse assim, mesmo trazendo uma camisa que lhe cobria o corpo. A jovem era uma figura bela, inesperada e enigmática e este encontro trouxe uma nova equação na aventura cronotemporal do homem.

Curioso e inquieto, estabeleceu conversa com a jovem, rendido a uma incompreensível força que o

impelia a isso, como se a jovem fosse portadora de alguma mensagem a si destinada. Por essa via, ficou a saber que o seu estranho poder de viajar no tempo resultava de uma espécie de encantamento e que ela possuía o poder de alterar tais encantamentos. Ela explicou-lhe que fazia parte de uma antiga linhagem de seres conhecidos como "guardiões do tempo e do espaço", que possuíam a capacidade de manipular o tecido da realidade, concedendo dons extraordinários a outros indivíduos. Revelou-lhe o significado dos símbolos que encontrara na capa do misterioso livro. Tratava-se de um poema numa língua que já não existia e que, traduzido, versava mais ou menos assim:

«De galáxia em galáxia, de um dia noutro dia,
Sou um poema no espaço, uma dança de alegria.
Voo, numa asa a imaginação, noutra a curiosidade,
Páro o Tempo e toco o Universo, em eterna liberdade»

Conforme a conversa continuava, a jovem ofereceu-lhe a oportunidade única de experimentar a viagem no tempo e no espaço simultaneamente. No entanto, havia uma condição para que o encantamento fosse alterado. Ele teria de provar o seu compromisso com a preservação da história e do conhecimento. A jovem acreditava que ele poderia usar as suas viagens para fins nobres, difundindo sabedoria e empatia através dos tempos e lugares.

Aceitando a proposta, ele comprometeu-se a ser um guardião responsável das faculdades concedidas. Compreendeu o quão precioso esse presente era e jurou honrar a história, as culturas e a memória das pessoas que encontraria nas suas viagens.

A jovem, então, realizou um ritual envolvendo-os numa névoa brilhante que parecia tecer o tempo e o espaço em redor. Quando a névoa se dissipou, ele sentiu uma sensação de euforia e expectativa. Agora, com sua nova capacidade de viajar, partiu em aventuras inimagináveis. Navegou nos arrojados navios dos Descobrimentos, viu terras distantes, conheceu culturas exóticas e testemunhou eventos históricos em diferentes partes do mundo. A sua vida tornou-se numa permanente e intensa jornada épica, uma busca incansável pelo conhecimento e pela compreensão da humanidade através dos tempos.

A partir daquele momento ele não era apenas o homem que viajava no Tempo, mas também o viajante destemido que percorria os cantos do mundo em todas as eras. Finalmente, ele percebeu que sua estranha faculdade lhe trouxe não apenas alegria e conhecimento, mas também responsabilidade. As suas acções poderiam ter impactos duradouros na história e nas pessoas que contactava.

Um dia teve um momento de profunda revelação. Percebeu que, na essência, as viagens não passavam de ilusões e que toda a riqueza das experiências, conhecimentos e segredos que buscava estavam, na verdade, dentro de si mesmo. Compreendeu, então, que não precisava de viajar fisicamente para lugares distantes para encontrar a sabedoria.

A experiência que obteve em todo o processo revelou quem ele era na verdade e o que queria partilhar com o mundo. Esta epifania inundou-o com uma profunda sensação de serenidade e plenitude.

Desde então, passou a dedicar mais tempo à sua comunidade, partilhando as suas narrativas inspiradoras, os ensinamentos sobre a história e as suas experiências reais e imaginárias.

Certo dia, chegado de uma viagem, todos os moradores se reuniram na praça central para ouvir as suas fascinantes narrativas. Ele subiu a um palco improvisado e, com entusiasmo, descreveu as paisagens exuberantes, as culturas fascinantes e as criaturas magníficas que encontrou nas suas jornadas. Falou de uma terra misteriosa onde as árvores pareciam tocar o céu e onde animais estranhos viviam em perfeita harmonia. Contou sobre uma cidade antiga, escondida nas montanhas, onde os habitantes eram dotados de conhecimentos avançados e viviam em sintonia com a Natureza.

Os ouvintes mais atentos eram as crianças que o escutavam de olhos arregalados, imaginando-se como futuros exploradores. Os adultos sorriam e relembavam os seus sonhos de juventude, reavivando a curiosidade sobre o desconhecido.

Quando terminou, a multidão aplaudiu entusiasmada. Então, um homem mais velho aproximou-se dele e perguntou: "Você levou-nos a terras distantes e seres exóticos e relatou acontecimentos extraordinários, mas há algo que todas essas aventuras tenham em comum?"

Ele reflectiu por um momento antes de responder: "Sim, de facto, embora as terras e culturas sejam diferentes, todas as histórias mostram a beleza e a diversidade da criação. O mundo é vasto e complexo e em cada canto há maravilhas para descobrir, mas o verdadeiro tesouro é a ligação que sentimos uns aos outros. Essas experiências recordam-nos que, apesar de estarmos separados por oceanos e montanhas, por tempos idos ou futuros, por galáxias a milhares de anos-luz de distância, fazemos parte de uma única família."

A multidão aplaudiu novamente, emocionada com estas palavras, e naquela noite todos se reuniram ao redor de fogueiras para contar as suas próprias histórias e celebrar a beleza da diversidade onde podemos encontrar um senso de unidade e compreensão uns dos outros, enriquecendo a vida de todos.

Ele já tinha percebido que através das histórias criava um mundo complexo, mas harmonioso na imaginação das pessoas, permitindo que elas experimentassem as mesmas sensações e emoções que ele mesmo sentira nas viagens. Percebeu que a imaginação e a criatividade são ferramentas magníficas para construir pontes entre diferentes culturas e diferentes eras, conectando poderosamente os seres inteligentes.

Ele, que em tempos apenas de atrevera a sonhar em navegar nos soberbos navios dos Descobrimientos, sabia agora que o verdadeiro tesouro estava na jornada interior, na busca pelo autoconhecimento e na partilha das riquezas da alma e do coração com os outros.

A história deste homem que viajava no tempo, no espaço e na imaginação, é uma história sobre a importância de encontrar a sabedoria e a magia dentro de nós próprios; de como as nossas experiências, reais ou imaginárias, podem enriquecer e unir as vidas das pessoas à nossa volta.

E tudo isso se pode conseguir viajando assim, pelos dendritos que unem os neurónios.
Ora, experimentem.



Retrato 12

Era uma vez, na exuberante Floresta dos Sussurros, três animais que eram conhecidos por sua grandeza e beleza: o leão, o pavão e a raposa. Cada um deles possuía características únicas que os faziam destacar-se dos outros animais da floresta.

O leão era majestoso e poderoso, caminhava com confiança, com a sua juba dourada brilhando sob o Sol. O seu rugido ecoava na floresta, inspirando respeito e temor em todos os que o ouviam.

O pavão era famoso pela sua deslumbrante plumagem, um arco-íris de cores que fascinava todos. Exibia as suas penas com grande vaidade, pavoneando-se por onde passava, esperando fascinar admiradores encantados com a sua aparência.

Já a raposa era astuta e conhecida pela sua inteligência e perspicácia. Era habilidosa a encontrar soluções criativas para os desafios da vida e era respeitada pela sabedoria que demonstrava possuir.

No entanto, ao longo do tempo, o pavão começou a desenvolver uma atitude pretensiosa e pedante. Cada vez mais envaidecido com a sua beleza, acreditava ser o mais belo e magnífico de todos os animais. E ridicularizava os outros com a sua presunção, especialmente a raposa por quem não tinha qualquer consideração.

Certo dia, a Floresta dos Sussurros enfrentou uma grande seca e os animais depararam-se com enormes dificuldades para encontrar água e comida. O leão, como líder da floresta, estava preocupado com o bem-estar de todos os animais e convocou uma reunião para discutir a situação e tentar encontrar uma solução.

O pavão, cheio de si mesmo, não acreditava que a seca fosse um problema para si, e escarneceu da preocupação dos outros animais, recusando mesmo participar na reunião.

Enquanto isso, a raposa procurou alternativas para lidar com a seca. Estudou a natureza, explorou toda a floresta e encontrou uma fonte subterrânea de água que ainda estava fluindo. Deu conhecimento dessa descoberta aos outros animais e orientou-os no rumo para o local de onde brotava a preciosa água que lhes permitia saciar a sede.

Enquanto o leão e os demais animais agradeciam à raposa pela sua ajuda, o pavão permaneceu isolado no seu canto, ainda convencido de que estava acima de todos os problemas. No entanto, com o pas-



sar do tempo, a falta de água e alimento acabou por afectar também a bela plumagem do pavão, que começou a mirrar e a perder o brilho e a vivacidade das cores.

Ora acontece que numa noite de céu estrelado o corvo e a tartaruga estavam à beira de um sereno rio, maravilhados com o reflexo das estrelas na água. As estrelas brilhavam como pequenos diamantes, e os dois amigos estavam embevecidos com aquele espectáculo celestial que descera até eles e se exibia ali na superfície das águas. E desejavam tanto poder alcançar as estrelas e tocar sua beleza brilhante que o corvo teve a ideia de sugerir à tartaruga que subisse no seu dorso enquanto ele voaria até às estrelas. Com alguma hesitação a tartaruga confiou no seu amigo corvo e subiu-lhe para as costas. Com muito esforço o corvo voou pelos céus, elevando-se cada vez mais alto, enquanto a tartaruga se segurava firme para não cair no vazio.

-ALTO AÍ! Mas de onde surgiram agora este corvo e esta tartaruga se a história era com um leão, um pavão e uma raposa, e até havia falta de água?!

Então, o narrador emendou a narrativa e retomou o conto inicial: Só então o pavão percebeu o seu erro e compreendeu que a sua atitude pretenciosa o havia isolado dos outros animais e impedido de aprender com a sabedoria da raposa. Afinal a sua beleza exterior não significava nada se ele não tivesse humildade e empatia com os outros.

A fábula da Floresta dos Sussurros ensina que a presunção e a arrogância podem levar à desgraça. A humildade e a disposição de aprender com os outros são virtudes valiosas que nos tornam verdadeiramente grandiosos. A beleza e a altivez podem encantar momentaneamente, mas é a sabedoria e a bondade que conquistam o respeito e a admiração de todos.

E para concluir a outra fábula o narrador regressou aos dois amigos, o corvo e a tartaruga que, quanto mais subiam, mais próximos das estrelas ficavam.

No entanto, rapidamente perceberam que as estrelas estavam muito mais distantes do que imaginavam e que nunca conseguiriam alcançá-las.

Exaustos e desanimados, o corvo e a tartaruga decidiram voltar ao rio, descendo das alturas estreladas e sentaram-se tristemente na margem daquela água que corria alegre e alheia às decepções do frustrado voo. Parecia que seus sonhos de tocar as estrelas eram impossíveis de realizar.

Nesse momento, o rio começou a murmurar suavemente, e com uma voz calma e sábia disse: "Queridos amigos, as estrelas estão muito além do vosso alcance, mas não se entristeçam. Cada uma delas é uma centelha de magia que vive nos vossos corações. Vocês não precisam tocá-las fisicamente para senti-las. Olhem para dentro de vocês e lá encontrarão a luz brilhante que é a essência de cada estrela."

O corvo e a tartaruga entreolharam-se, percebendo a sabedoria das palavras do rio. Fecharam os olhos e mergulharam no seu íntimo, e encontraram uma beleza única, um brilho tão luminoso quanto o de qualquer estrela no céu. Os dois amigos perceberam que a verdadeira magia residia na sua amizade e na beleza da Natureza.

Desde então os dois amigos continuaram explorando a floresta encantada e as maravilhas do céu nocturno, valorizando a sua amizade e encontrando alegria na simples beleza da vida. As estrelas brilhavam acima, lembrando-os de que, embora fossem pequenos na vastidão do universo, eles transportavam um brilho especial no íntimo dos seus corações, tão mágico quanto qualquer estrela no céu.

Por esta altura, o narrador, encostado a um anoso choupo, agita um graveto para retirar das solas das botas, a caca de leão, de raposa e de outros bichos, que pisara ao longo das suas aventuras.

Irritado com os peganhentos excrementos, deu por terminada a fábula.



Retrato 13

Havia uma pequena caixa de música de lata, escondida num sótão empoeirado de uma casa antiga. Era diferente de todas as outras caixas de música, pois tinha uma melodia mágica que tocava ao coração de quem a ouvia. O seu mecanismo de corda era delicado e quando alguém girava a chave uma melodia suave e encantadora ecoava pelo ar.

Um dia, enquanto explorava o sótão, uma menina chamada Sofia encontrou a caixa de música. Curiosa, girou a chave e logo escutou uma melodia tão doce e alegre que Sofia sentiu um calorzinho no peito e um sorriso involuntário formou-se no seu rosto. Desde aquele momento, a caixa de música tornou-se uma companhia inseparável.

Sofia levava a caixa de música para onde quer que fosse. Ela contava todos os seus segredos e sonhos à pequena caixa, que parecia ouvi-la com atenção e carinho. À noite, antes de dormir, Sofia agradecia à caixa de música por tornar os seus dias tão especiais.

No entanto, conforme o tempo passava, a caixa de música começou a mostrar sinais de desgaste. A melodia ficava um pouco mais fraca e o mecanismo parecia cansado. Temendo perder aquele objecto tão especial e determinada a encontrar uma solução, Sofia levou a caixa a um relojoeiro familiarizado com coisas mágicas.

O relojoeiro examinou cuidadosamente a caixa de música e sorriu para a menina. "Esta caixa de música é realmente mágica", disse o relojoeiro. "Está desgastada porque partilhou a sua alegria e magia por muito tempo. Mas, tenho uma surpresa para a menina." Com um toque de mestre, o relojoeiro restaurou a caixa de música e, agora, a melodia que tocava era ainda mais encantadora e vibrante, como se carregasse um renovado e encantador poder, mas esse poder não era apenas renovado senão também uma nova faculdade.

A mágica caixinha era um meio de comunicação de uma entidade superior conhecedora dos segredos do Universo e detentora de um profundo conhecimento filosófico.

A partir de então a música da caixinha emanava uma intuição que impregnava a mente de quantos a ouviam, e a percepção era assim: "A verdadeira essência da humanidade reside na busca constante pelo entendimento e pela conexão com o Universo. Cada indivíduo é uma expressão única dessa busca, e o propósito da existência humana é transcender as limitações do ego e da separação, buscando a união com o todo.

A vida é um processo de aprendizagem e evolução, no qual cada experiência, seja ela de dor ou alegria, tem o potencial de nos ensinar algo. O verdadeiro sentido da existência humana não está em acumular poder ou riquezas materiais, mas sim em cultivar relacionamentos significativos, nutrir o crescimento pessoal e contribuir para o bem-estar coletivo.

Somente ao reconhecermos a nossa interdependência e responsabilidade mútua podemos alcançar a harmonia.

Portanto, a chave para a realização pessoal e obtenção de felicidade reside na busca da sabedoria, na prática da empatia e na procura pelo equilíbrio entre o eu e o todo.

É através desse caminho de autodescoberta e transcendência que a humanidade pode encontrar o seu propósito mais elevado e realizar todo o seu potencial."

Transportado pela música que irradia da caixinha, este conhecimento profundo enfatiza a importância da jornada espiritual e do crescimento pessoal na busca pelo significado da vida e pela realização humana.

O paradoxo é que tudo isto é do conhecimento geral, não carecendo de revelação por parte de uma caixinha mágica.

A magia que falta é a da actuação humana.



É a agenda da miscigenação mundial que dita a abertura das fronteiras e a tomada ‘pacífica’ dos territórios por outras culturas. Eu escrevi pacífica, mas com conflitualidade na medida em que os povos receptores ainda não estão disponíveis para desistir das suas culturas e tradições.

Para executar tal desígnio os activistas entendem fundamental destruir a cultura histórica e a memória épica dos povos, agora, receptores, derrubando as suas construções identitárias que foram erguidas ao longo da História. É verdade que muitas dessas construções foram produzidas num cenário de afirmação de estados e regimes políticos, mas todas elas remetem para um passado em que o fervor patriótico e abnegação individual atingiu, até, a renúncia à própria vida em prol de um projecto colectivo nacional.

Porém, se alguns povos têm anuído nessa impregnação mescladora sem muita resistência, sobretudo porque vegetam no atavismo e na alienação que a riqueza económica lhes tem proporcionado, outros mantêm-se firmes na defesa da sua cultura, sendo, por esse motivo, apodados de xenófobos, racistas, fascistas, etc., pelos activistas da igualitarização das sociedades. Acreditam, esses activistas que a sua acção opera uma etapa racional do progresso da humanidade que se auto-justifica. Ora, as experiências do materialismo dialéctico e dos socialismos totalitários já demonstraram o insucesso desses dogmas que nivelam... por baixo.

A apoiar este desígnio dos ‘revoltados’ do mundo ‘inferior’ encontram-se muitos indivíduos das sociedades ‘desenvolvidas’ ocidentais que aceitam reparar aquilo que consideram como erros da História, assentes em desumanidades de uma Europa que partiu à descoberta do resto do globo, transportando o pensar de então feito de convicções religiosas, cobiça e esperanças de riqueza; como se fosse possível julgar as acções dos séculos XV ou XVIII com os valores actuais. Um desses casos é o da “reparação histórica”, uma manifestação de perigosa ignorância, já que não se emenda o mal feito umas dezoito gerações depois.

A esse respeito cito o historiador João Pedro Marques:

«...que gritante injustiça é que o movimento woke pretende corrigir? Que insuportável desumanidade é que quer proibir? Agora que já não há tráfico transatlântico de escravos nem escravidão, felizmente, o que querem os wokes para irem assim repescar uma receita antiga? O que alegam para tentar vender gato por lebre? Dito de forma simples, o wokismo quer fazer do tráfico transatlântico de escravos e da escravidão nas Américas uma espécie de imagem de marca da expansão ultramarina europeia, quer fazer-nos crer que a escravatura por si só representa e resume essa expansão, e quer emendar, reparar, as suas consequências, ou seja, quer que paguemos novamente por elas e que aceitemos e adoptemos outra memória desses acontecimentos. E, à maneira dos abolicionistas de há 200 ou 250 anos, injectam informação — seleccionada, claro — e culpabilidade como primeiros motores da sua iniciativa, certos de que elas trarão arrependimento e reparação como trouxeram no passado.

Por outras palavras, reactualizam e reactivam velhos sentimentos de culpa e de vergonha [cumprindo o circuito]: tomada de consciência do crime; depois, o remorso; por fim, a reparação.



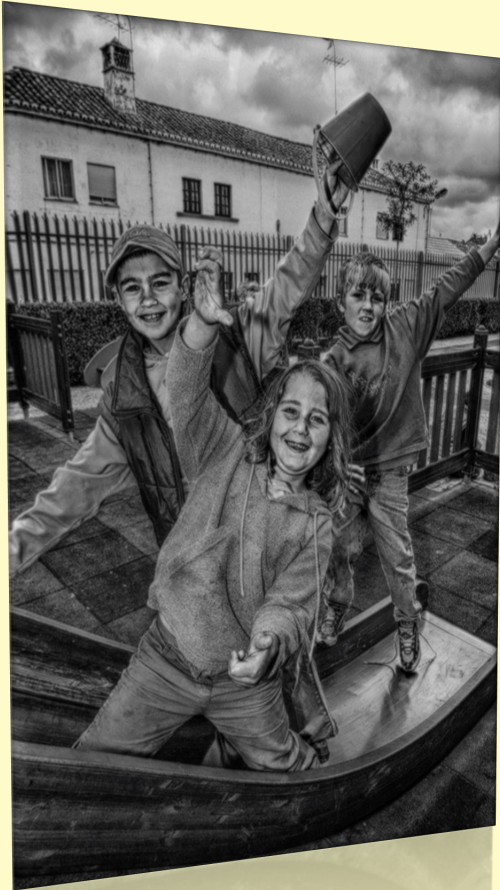
Os wokes nacionais também martelam as teclas da culpa e da vergonha e não escondem a esperança de que elas frutifiquem no nosso jardim à beira-mar plantado. E é efectivamente possível que isso aconteça. Não entre as pessoas da minha geração e da geração anterior, que fizeram a guerra em África e o 25 de Abril, mas nas gerações mais novas, muito expostas e permeáveis, nas escolas e fora delas, ao wokismo. Há mais de duas décadas que me insurjo contra essa ideologia e, nos últimos anos, tenho-me esforçado por dizer a quem me lê que deve ter cuidado com a absorção emocional de culpas históricas.

Essa coisa de culpar as pessoas por coisas feitas por gente da mesma terra ou nação num distante passado tem precedentes sinistros. Pense-se, por exemplo, na Idade Média e nos muitos judeus que foram culpabilizados pela morte de Jesus e trucidados por isso.

O que está em causa, não é apenas a verdade acerca do passado. É, também, a própria segurança actual e futura do Ocidente. Por isso, eu gostava que os meus leitores se lembrassem do seguinte: os wokes nacionais estão convencidos de que haverá, em Portugal, muitos pecados por redimir e muitos descendentes de escravos por compensar. E na cabeça deles até haverá. Felizmente é só na cabeça deles. A nossa não é obrigada a enfiar essa e outras carapuças.»

Por culpa do tempo, incerto entre chuvoso e ventoso, emito este sermão de São Francisco aos cágados sem acento.





Retrato 15

Riem, soltam gritinhos, pateiam e marcam a parede em semi-círculos com a sujidade da bola que pontapeiam à doida, resgatando-a das poças de água lamacenta; mas o que seria do bairro sem o ruído das crianças? Betão e tijolo, frio, estéril, branco encardido e muitos cinzentos, do alvorecer ao escurecer, sem alegria e sem propósito.

Retrato 16

O mar aqui tão perto é mais do que aquilo que vejo, pois é ele que me dá a maior parte do oxigénio que respiro. Quando navego nele ou visito as suas profundezas tomo consciência da sua imensidão e do seu poder. Mas é a Meia Praia, com a sua generosa curvatura e suave areal, que acolhe, abraça e abriga este mar.

Uma gaivota ruidosa e atrevida volteia e revolteia por cima de mim, como que pedindo algum peixe, ou um retrato que seja.

Não teve sorte.



Retrato 17

A consciência de que vegeto na mediocridade é um incómodo, como deve ser para qualquer espírito que se pretenda livre. O meio corrompe o indivíduo; eu sou produto do meio e a isso não posso esquivar-me de todo. Mas este factor condicionador não pode servir de desculpa para não evoluir. Mesmo sem abraçar causas quixotescas ou acção de missionário de uma qualquer verdade em que acredite, é sempre possível fazer algo para contrariar a influência perniciosa, decadente e corruptora, do meio que me rodeia.

A solução consiste em procurar permanentemente conviver com pessoas em que reconheça qualidades, que de alguma forma me inspirem, com quem possa aprender algo. E afastar-me daquelas pessoas que não têm consciência de nada disto, que não reflectem sobre o mundo e a vida, que permanecem enterrados no lodo e dali não tentam evadir-se. Pessoas com quem pouco ou nada terei a aprender. «Aprende-se sempre alguma coisa com o outro» é apenas um dos muitos disparates inventados para justificar a mediocridade porque, na verdade, isso depende de quem é o outro.

É imperioso tentar superar o resultado daquilo que sou. É condição incontornável para qualquer tipo de evolução. E, o facto, é que eu sou apenas uma síntese, uma espécie de média, das pessoas com quem me relaciono e que mais me influenciam, sejam inteligentes ou idiotas.

Acerca do seu sucesso, o grande Newton terá dito, ou escrito: “Se cheguei aqui foi porque me apoiei no ombro de gigantes”, referindo-se certamente às influências de Galileu e Kepler na sua teoria da Gravidade. Mas onde estão os meus gigantes?

Ora, os gigantes de hoje raramente são aquelas figuras destacadas, mediáticas, poderosas que vemos desfilando nas telas televisivas. Aliás, a maioria desses, em todos os níveis e sectores da sociedade, integram o exército dos grandes truões ou vigaristas. E, por isso, tanto condicionam e corrompem o meio e, consequentemente, as sociedades.

Os gigantes de que falava Newton estão, agora, escondidos pela selva ululante de idiotas que gritam todo o tipo de disparates nas redes sociais, nas caixas de comentários de jornais, nas manifestações públicas de desagrado com aquela situação política ou ambiental. Parafraseando Umberto Eco: A TV já tinha colocado o idiota da aldeia num patamar no qual ele se sentia superior. O drama actual é que os meios de comunicação de massas promovem esse idiota a portador da verdade.

Não são todos completamente imbecis, mas escondem no seu seio, e não deixam falar, os poucos que fazem uso da inteligência; e é tarefa difícil incitar estes a partilhar o saber e o conhecimento. Enxovalhados, denegridos, vaiados, retraem-se. Alguns, mais enérgicos e com púlpito, são repetidamente apupados pela canalha ignara e retrógrada que incendeia culturas, tradições e a própria História e incenseia doutrinas minoritárias demenciais: o indígena-vítima; a *cancel culture*; o anti-especismo, a teoria de género; o movimento *woke*; a novílingua, e outras porcarias idênticas.

Vejo-me mergulhado nesta decadência civilizacional sabendo que não se trata de um determinismo histórico, mas tão-somente uma consequência do exercício da irracionalidade que ignora os erros do passado na construção do presente.

E nada fazemos para alterar isto.

Daqui a pouco nasce o Sol.

Que belo futuro vem aí.





Retrato 18

Para além dos odores inebriantes, nesta extensão de verde há mais matizes e tonalidades do que alguém jamais enumerou, e estão aqui para qualquer olho ver. Sobre ela traço um caminho que se ramifica na paisagem aberta e quando começo a caminhar sinto um arrepio de alegria e a expectativa pelas escolhas que farei, cada uma delas carregada de promessas de magníficas descobertas.



Retrato 19

É final de Verão, o vento acomete as papoilas e elas respondem agitando as pétalas como bandeiras vermelhas fazendo sinais. Obra-prima da Natureza, a papoila possui uma beleza estonteante na sua dança de púrpura orgulhosa, tão extravagante, mas perfeitamente formada.

Nesta altura do ano, olhar para o céu e para a água é a mesma coisa. Um verdadeiro jogo de espelhos. Acho que é por isso que habito aqui durante a estação das chuvas. E mesmo no resto do ano caminho pelas margens do rio sob o sopro da brisa que vem do mar, naquela frescura austera que então se sente.

Os caranguejos cumprimentaram-me agitando a sua enorme boca acima da cabeça. Devolvi o cumprimento.



Retrato 20

O sol brilha intensamente enquanto me afasto daquela paisagem rural. A vista do belo carvalho na colina nunca poderia ser exactamente a mesma durante dois dias seguidos. Aos poucos, as estações trazem as mudanças. À medida que me afasto estendo a mão para tocar a casca das árvores ou sentir a suavidade das folhas novas.

Um camaleão incomodado pela agitação do ramo onde se instalara lançou-me um olhar cónico de desaprovação.

Retrato 21

Lembram-se do pinguim de loiça que vivia em cima do frigorífico lá de casa? Pois, esse mesmo. Sempre me intrigou a presença, em tantos lares, desses animais porcelânicos antárcticos, erectos, de cartola, com ou sem a bengala de arame, ali especados sobre a bendita geladeira.

O pinguim, juntamente ao calendário da Acção Missionária e ao quadro do menino chorão devem ter constituído, durante algumas gerações, a iconografia mais representativa da decoração das casas portuguesas, ainda que muitas adiciassem, também, uma Senhora de Fátima e um cão dálmata, de loiça, sentado, quieto e mudo, na sala ou junto à porta.

O episódio que vos descrevo tem como protagonista um desses bonecos identificativos relacionados com a funcionalidade do dispositivo eléctrico de frio, numa simbologia desconhecida noutros engenhos inventados para facilitar as tarefas domésticas; não se conhecem ícones semelhantes para fogões, lareiras, máquinas de lavar ou quaisquer outros aparatos idênticos.

Havia um desses na casa da minha madrinha Adelina, na Rua Nova da Aldeia. Um dia deu-se, ali, um caso misterioso que durante muito tempo deu que falar e especular sem que, no entanto, alguma vez se tenha chegado a qualquer conclusão ou explicação do enigma.

O prato das sardinhas alimadas que seria o almoço do meu padrinho João Miguel desapareceu do interior do frigorífico – explico que as sardinhas eram só para ele, porque a minha madrinha era uma das milhares vítimas daquela época obscura e medieval que proibia comer peixe azul; esse veneno marinho que anos mais tarde acabaria por ser promovido a fonte do riquíssimo ómega 3, importante e benéfico para as gentes de todas as idades e patologias.

E, não habitando mais ninguém com o casal de reformados, a minha madrinha não teve dúvida alguma em culpar o ‘malvade pinguim’ que terá descido do seu pedestal, entrado no frigorífico e comido a dúzia de sardinhas alimadas. E com elas foi, ainda, uma das batatas-doces cozidas, desaparecida do tachinho que jazia sobre a pedra do balcão da cozinha.

Em abono do pinguim temos de admitir que não era um vil e reles assaltante de dispensa, demonstrando tratar-se de um tipo consciencioso, aseado e arrumado, ao deixar sobre o lava-loiça o prato das sardinhas devidamente lavado.



Retrato 22

As ruas são o mais privado dos espaços públicos. Chego à Praça e olho pela enésima vez para a escultura. O rosto da estátua não é alegre, sobretudo agora que a noite cai e lhe retira a luz, deixando-o com feições mais austeras. Perto, os candeeiros que iluminam a avenida fazem-me lembrar uma pista de aterragem para aviões grandes. Sim, parece um aeroporto urbano.

Um porco, daqueles ibéricos, olha-me aguardando que lhe diga alguma coisa, mas não me ocorre nada para além da visão de um presunto sobre uma mesa e gente gulosa em redor.

O porco parou de mastigar e ficou imóvel, como um enorme mealheiro de porcelana. Não fosse o tamanho dele ousaria aproximar-me e enfiar-lhe uma moeda na ranhu-



Retrato 23

Era uma vez uma sereia tonta chamada Saara, que era conhecida em todos os oceanos pelas suas decisões muito questionáveis e acções apatetadas. Embora possuidora de uma beleza deslumbrante e da sua cauda cintilante, ela tinha uma propensão para se meter em confusões devido à sua falta de inteligência. E em vez de aprender com os erros, parecia usar a experiência acumulada para ampliar os disparates.

Um dia, Saara viu uma pedra muito brilhante no fundo do oceano e decidiu que queria tê-la como enfeite para o cabelo. Ignorando os avisos dos outros habitantes do mar sobre a pedra ser perigosa, ela acabou por arrancá-la do fundo, ainda que a muito custo.

Como resultado da sua acção, as águas de todos os mares do Mundo entraram em ebulição e as criaturas marinhas começaram a morrer cozidas naquele caldo fervente. Ela, salvou-se encontrando refúgio em terra, sentada sobre uma rocha, ali na Ponta da Piedade, de onde ia testemunhando o terrível resultado da sua ambição.

Poseidon, deus dos oceanos, conhecendo os factos e comovido pela ignorância e ingenuidade da fútil sereia, veio em socorro dos seus domínios aquáticos e dos seres que nele habitam e recompôs tudo como era antes.

Moral da história: Se não és Poseidon, não sejas uma sereia estúpida, ou um tritão imbecil, que re-benta com o planeta.

Pensa nos teus actos.



Acordei em sobressalto, saindo de um sonho estranho e angustiante. Eram sete horas da tarde e preparávamo-nos para jantar. A minha mãe, de rosto enrugado e cabelo branco, condição própria dos idosos, e a minha esposa, de pele bronzeada e cabelo ruivo, uma de cada lado da mesa, representavam dois marcos importantes de uma vida, a minha, sentado entre elas, sorvendo lentamente o caldo verde espesso.

No quintal, espaço contíguo à sala de jantar, ouvia a cadela largar a bola de ténis, depois de a aboanhar, repetindo a acção, convidando alguém para brincar com ela e com a bolinha amarela.

Comíamos lentamente, em silêncio, saboreando a sopa densa e fumegante.

Inesperadamente soou, estridente, a campainha da porta.

Levantei-me e fui abrir. Não estava ninguém. Estranhei, mas voltei ao repasto e expliquei o sucedido. A mais nova ficou apreensiva e a mais velha invectivou os miúdos que brincam na rua e tocam à campainha ou puxam o tubo mijão que escoia para o exterior a água que se junta na janelinha da casa de banho.

Terminava a sopa quando a campainha se fez ouvir outra vez. Fui, lesto, e abri a porta de rompante para, de novo, verificar que ninguém estava lá.

À terceira foi a minha esposa que abriu e, na ausência de tocador de campainha, saiu à rua para verificar quem estaria para além das esquinas. Ninguém.

Já irritado e sem vontade de continuar o jantar decidi sair pela porta da garagem e surpreender o brincalhão, surgindo repentinamente da esquina mais próxima da porta.

Passou algum tempo e como nada acontecia regresssei à sala para concluir a refeição.

Passados uns minutos a campainha ressoou de novo. Mas a minha mulher foi mais ligeira e rapidamente escancarou a porta da rua. Ouvimo-la balbuciar qualquer coisa, irritada, diante da porta que acabara de abrir: – Mas o que raio é isto?

Quando regressou à sala de jantar, o seu rosto exprimia receio e o seu caminhar exprimia sobressalto.

- O que foi? Inquiri. Ela respondeu, sentando-se e ajustando o prato na mesa:

- Não sei. Não estava ninguém.

- São os moços na brincadeira. Tranquilizou a minha mãe.

Pela quarta vez a campainha vibrou, alucinante, como que gritando. A minha mãe, agora com um instintivo olhar de inquietação, exclamou: - Não vás! E ambas empalideceram subitamente.

- Como, não vou?! - Se querem brincadeira, eu dou-lhes a brincadeira. Agarrei num dos vários machados colados por ímanes ao portão da garagem, e dirigi-me à porta da rua, ficando espedado diante dela, fechada, e segurando o machado imponente que a irritação me fazia apertar fortemente.

Ali, imóvel, senti um estranho frio percorrer-me o rosto e depois todo o corpo, de forma intensa.

Dei um passo em frente, como que puxado por uma força estranha, e abri a porta. À minha frente fluuava uma mancha indefinível, uma sombra ténue de contornos incertos, vagamente humana, mas sem rosto, como se feita de névoa.

- O que é? Perguntei a medo.

A mancha fluante aproximou-se e senti um aperto forte e gélido em torno do pescoço e um peso descomunal sobre o peito. Subitamente compreendi que aquela coisa se apoderava da minha alma, e eu sentia-a a sair de mim.

Segundos depois vi-me no chão, deitado de barriga para cima, a boca e os braços abertos, um deles flectido como se fizesse adeus a mim próprio.

Morri ali. E ri-me perdidamente.



FIM

Editora  **Nabiça**
um nabo em cada livro um livro para cada nabo